

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO

A SAÍDA DA CORTE PORTUGUESA PARA O BRASIL

Coloca-te no papel de um historiador que analisa fontes (historiográficas) relativas ao período das Invasões Francesas e da saída da corte portuguesa para o Brasil.

© GAREAL EDITORES

Ao longo da leitura dos textos que se seguem, será pedido que comentes algumas das ideias transmitidas nas frases destacadas. Deverás ter como ponto de partida o teu manual e as informações que ouviste na aula. Observa o exemplo.

No final da exploração dos textos, **constrói** um artigo de opinião sobre este assunto.

A CORTE NO BRASIL E O VAZIO POLÍTICO EM PORTUGAL



No dia 29 de novembro de 1807, D. João VI, acompanhado da família real e da corte, embarcava para o Brasil, de onde só regressaria em 1821. Esta medida extrema (...) era na verdade a única solução que permitia salvaguardar a integridade do reino e os interesses nacionais. D. João VI, se tivesse permanecido teria ficado certamente refém dos franceses, à mercê dos desígnios de Napoleão (...).

Apesar da simpatia que os franceses detinham junto de parte da classe política portuguesa (...), o seu exército (de Napoleão) seria sempre visto como um invasor (...). O verdadeiro poder nacional ficara intacto, apenas se mudara para outro local.



Do Rio de Janeiro, D. João VI tentou acompanhar a situação da metrópole o melhor que pôde (...). No entanto, a capacidade do país para viver sem rei era limitada (...), cada dia que passava agravava-se a situação geral do país, reduzido agora a um apêndice do Brasil, de onde o rei emanava as suas ordens. Como cedo se viria a constatar, o arrastamento de tal cenário acarretou consequências desastrosas para o regime absolutista em Portugal, assim como para o próprio D. João VI.

(...) O problema mais grave com que o país se defrontou nos anos imediatos à derrota francesa foi o do vazio do poder (...). Aqui (Lisboa), o poder fora delegado numa Junta Governativa que, (...) passara a ser supervisionada pelos generais ingleses. Na prática, quem mandava em Portugal era o marechal Beresford.

(...) O sentimento geral era o de que Portugal pouco mais era do que um protetorado da Inglaterra, que ao domínio comercial e industrial acrescentava agora um controlo efetivo sobre o país.

Exemplo

Comentário

Esta partida foi provocada pela ordem de Napoleão no sentido de as suas tropas invadirem Portugal.

Comentário

Comentário

Comentário

Comentário

Suplemento *Factos e figuras da nossa História*,

"D. João VI – As invasões francesas", edição n.º 6758 do jornal *Correio da Manhã*, de 8 de novembro de 1997.

Comentário

Os dois mundos que se encontraram no Rio de Janeiro em 1808 tinham vantagens e carências que se complementavam. De um lado havia uma corte que se julgava no direito divino de mandar, governar, distribuir favores e privilégios, com a desvantagem de não ter dinheiro. De outro, uma colônia que já era mais rica do que a metrópole, mas ainda não tinha educação, refinamento ou qualquer traço de nobreza.

Laurentino Gomes, *1808*, Planeta do Brasil, S. Paulo, 2008 (adaptado).

Comentário

II

Lê os textos que se seguem e faz uma reportagem para um jornal sobre a viagem da família real e algumas características da personalidade do rei.

AS ATRIBULAÇÕES DA VIAGEM DA FAMÍLIA REAL PARA O BRASIL

A viagem não foi exatamente um cruzeiro de luxo. A esquadra portuguesa levou quase dois meses para atravessar o Oceano Atlântico (...). Sabe-se que foi uma aventura cheia de aflições e sofrimentos. Antigas e mal equipadas, as naus e fragatas portuguesas viajavam apinhadas de gente e bagagens. (...) Providos de pequenas escotilhas que permaneciam fechadas (...) os ambientes internos ficavam asfixiantes. Não havia água corrente nem banheiro¹. A dieta de bordo era composta de biscoitos, azeite, repolho azedo e carne salgada de porco ou bacalhau. (...) No calor sufocante das zonas tropicais, ratos, baratas e carunchos infestavam os depósitos de mantimentos. A água apodrecia (...), por falta de frutas e alimentos frescos (...) o escorbuto² (...) enfraquecia a vítima (...) os dentes caíam ao simples toque.



(...) As ondas fortes espalhavam o pânico entre os passageiros (...). A corte portuguesa não parava de vomitar.

(...) No navio onde viajava a princesa Carlota Joaquina, uma infestação de piolhos obrigou as mulheres a rapar os cabelos e a lançar as suas perucas ao mar.

Ao chegar em terra firme (S. Salvador da Baía) a família real seguiu de carruagem (...) a comitiva real se recolheu ao Paço do Governo. Seguiu-se uma semana de música, dança, espetáculos de luz (...) e longas cerimônias de beija-mão, nas quais o príncipe regente recebia, pacientemente filas intermináveis de súbditos.

Para tentar resolver o problema de falta de habitação provocado pela chegada dos milhares de acompanhantes da corte (...) as casas eram confiscadas a seus donos e entregues à nobreza recém-chegada. Os endereços escolhidos eram marcados na porta com as letras PR, iniciais de Príncipe Regente, que imediatamente a população começou a interpretar como Ponha-se na Rua.

Laurentino Gomes, *1808*, Planeta do Brasil, S. Paulo, 2008 (adaptado).

¹ Casa de banho

² Doença por falta de vitamina C

Os exilados passaram suas primeiras semanas em estado de choque cultural e emocional. Em cartas enviadas a Lisboa, expressaram o seu horror pela sua nova vida no Rio. O clima, a insalubridade¹ da cidade e a vulgaridade dos brasileiros residentes perpassavam cartas impregnadas de ansiosa amargura e intensa nostalgia (...).

Patrick Wilcken, *Império à deriva*, "A corte portuguesa no Rio de Janeiro 1808/1821", Ed. Objetiva, 2004.

¹ a sujidade

D. João e suas manias

D. João tinha medo de caranguejos e trovoadas. (...) Certa vez foi picado por um carapato (...). O ferimento inflamou e causou febre. Os médicos recomendaram-lhe banho de mar. Como temia ser atacado por crustáceos, mandou construir uma caixa de madeira, dentro da qual era mergulhado nas águas da praia. (...) A caixa era uma banheira portátil, com dois varões transversais e furos laterais por onde a água do mar podia entrar. (...)

D. João repetia a mesma roupa todos os dias e recusava-se a trocá-la mesmo quando já estava suja e rasgada (...). Na algibeira da casaca, o rei levava os famosos franguinhos assados na manteiga, sem ossos, que devorava no intervalo das refeições. (...)

Laurentino Gomes, *1808*, Planeta do Brasil, S. Paulo, 2008.

Redige uma notícia sobre a viagem da família real para o Brasil.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.